

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

BÊKA E LEMOINE

12 de março de 2025

# BIG EARS LISTEN WITH FEET /2022

um filme de **Ila Bêka & Louise Lemoine**

**Realização e Montagem:** Ila Bêka e Louise Lemoine / **Direção de Fotografia:** Ila Bêka /  
**Colorista:** Melo Prino / **Som:** Walter Amati, Fuji Studio.

**Produção:** Bêka & Partners / Cópia: DCP, Cor, Legendado em Inglês e eletronicamente em português / **duração:** 93 minutos.

-----  
Com apresentação de Pedro Baía  
-----

*“O Espaço sempre me reduziu ao silêncio”  
(tradução livre de L’Enfant, Jules Vallés)*

**Big Ears Listen with Feet** não começa na cidade que lhe dá palco, ou pelo menos Bêka & Lemoine, ainda não lá estão, começa antes com uma breve entrevista, realizada pelos mesmos, através do *Zoom* ou do *Teams* – esse aparato que se iniciou nos anos de pandemia e se estabeleceu agora enquanto prática comum. Através de uma *webcam* de qualidade duvidosa, também nós conhecemos Boonserm Premthada. Esta abertura marca um dos poucos momentos de conversa entre as duas entidades durante todo o filme.

Premthada é um dos mais importantes arquitetos tailandeses da atualidade e é quase totalmente surdo desde que nasceu, é o fundador do Bangkok Project Studio, um pequeno atelier de arquitetura, onde trabalha em conjunto com a sua mulher e três outras pessoas. O ateliê desenvolve um trabalho de marcado cariz social, que comumente responde às necessidades de pequenas comunidades, transcendendo o simples âmbito arquitetónico para abraçar também dimensões programáticas e culturais. Ao incorporar a história de vida e a própria surdez de Premthada na sua prática, o estúdio transforma essas características na sua identidade, desenvolvendo uma “sensível arquitetura dos sentidos”. Tudo isso fica muito claro durante o filme.

Esse primeiro encontro, ainda que mediado por um ecrã, é como uma porta que se abre para o universo de Boonserm Premthada. A partir desse momento – o momento em que a dupla de artistas voa até Banguécoque -, o filme abandona o discurso direto e passa a tecer sua narrativa através de imagens, gestos e espaços, revelando uma arquitetura que não se limita ao visual, mas que respira, escuta e sente. Essa incorporação das metodologias dos arquitetos retratados na própria estrutura formal do filme é uma prática recorrente no trabalho de Bêka & Lemoine - vimos ainda neste ciclo a adoção do contraste a preto e

branco, que remete a uma escala de cinzas muito própria do Atelier SANAA, quando o retratado era Ryue Nishizawa, em **Tokyo Ride**. Essas escolhas não homenageiam apenas a estética do arquiteto, mas também reforçam a intenção da dupla de criar uma simbiose entre a linguagem cinematográfica e a linguagem arquitetônica.

Evidentemente todos os filmes partilham características próprias, não pretendendo anular por completo os autores em prol dos “protagonistas”. Está sempre muito presente a ideia de itinerário ou jornada, e os filmes comunicam essa ideia através de separadores negros que comentam as ações - por vezes com algum humor - e nos localizam no espaço e no tempo. Essa forma de filmar, que remete ao cinema direto, reforça a sensação de que estamos a acompanhar uma descoberta, tanto para os cineastas quanto para o espectador.

Dada esta introdução inicia-se finalmente a visita de Premthada, que aparece pela primeira vez em carne e osso - salvo seja - junto de sua mulher, à porta do hotel onde estão alojados os cineastas. De máscara colocada, como mandavam as regras da altura, só lhe vemos os óculos assimétricos - uma lente é um quadrado e a outra um círculo -, e as vestes que parecem antecipar tanto a exigência do percurso como o calor que se fará sentir em breve na capital tailandesa. Cumprimentam-se timidamente e entram de imediato na carrinha, sem tempo a perder.

Cada um dos destinos programados pelo arquiteto parece evidenciar características absolutamente essenciais para a compreensão do seu trabalho, sem que ele quase nunca precise de produzir discurso sobre o assunto. O belíssimo Restaurante das Mulheres de Ayutthaya revela, de forma eloquente, o entendimento de Boonserm Premthada sobre a prática da arquitetura enquanto ferramenta de inclusão social e preservação cultural. Já a visita a uma oficina de cerâmica demonstra a sua valorização dos materiais locais e das técnicas artesanais, que incorpora nas suas obras através de uma repetição exaustiva de componentes. No entanto, devido ao processo de produção manual, cada um desses componentes acaba por ter uma existência única, refletindo um profundo respeito pelos materiais e uma enorme preocupação com a sustentabilidade. Essa sensibilidade foi potenciada pelas origens humildes do arquiteto, algo que fica igualmente claro com a visita ao bairro de lata onde cresceu.

Quanto à visita ao Wat Phra Ram, parece ter deixado uma marca profunda no trabalho de Boonserm Premthada, não só de um ponto de vista espiritual, mas também estético. Essa influência é visível no Kantana Film and Animation Institute, onde a integração com a paisagem, o uso de materiais locais e a criação de espaços que inspiram reflexão e criatividade refletem essa mesma sensibilidade encontrada nos templos. Premthada demonstra que a arquitetura pode ser, ao mesmo tempo, moderna e profundamente enraizada na cultura e na história.

Mas talvez seja no Surin Elephant World que encontramos uma maximização de todas estas características, e ainda a inclusão da surdez do arquiteto no seu trabalho de forma mais evidente. Projetado para acolher tanto elefantes como humanos, este Santuário em Surin incorpora a crença de Premthada de que os elefantes sentem e escutam o espaço da mesma maneira que ele - não apenas através da audição, mas com todo o corpo. A estrutura dispõe-se em formas que amplificam e ressoam os sons do ambiente, criando

uma espécie de labirinto, onde a acústica parece responder às necessidades dos animais e das pessoas. É preciso em silêncio, não só escutar, mas sentir o espaço, até por uma forma de orientação. Para Premthada, a arquitetura não deve apenas servir funções práticas, mas também comunicar com aqueles que a habitam – mesmo quando esses habitantes não falam a mesma língua ou sequer a linguagem humana. É um espaço de sensibilidades partilhadas entre o grupo étnico Kui e os elefantes, que mantêm uma relação de mutualidade, convivência e mesmo codependência há séculos.

O último local é a casa da família do arquiteto, ou a que virá a ser a sua casa, esta transporta tudo o que nos foi mostrado até agora. É também aqui que vemos o rosto de Boonserm Premthada pela primeira vez sem máscara, mesmo no fim, tudo porque incidia sobre ele uma “luz bonita”.

Tiago Leonardo